



E nem os empréstimos bancários com o aval do Estado permitiram dar algum fôlego. «Muitos foram recusados. E dos poucos que foram aceites, só foi possível porque tinham dinheiro nas contas. Isso não faz sentido porque ajudou apenas aqueles que menos precisavam», confessa.

A pressão e a ansiedade são vistas por esta contabilista como o estado de alma destes responsáveis do setor: «Os novos apoios ainda não estão legislados. e mesmo já estando de portas fechadas não podem recorrer ao regime de *layoff* simplificado nem o apoio à retoma porque ainda não se sabe como cada modalidade vai funcionar».

Discotecas e bares: o setor 'esquecido'

E se há setores afetados, o dos bares e discotecas é um deles, uma vez que estão fechados por decreto desde março passado. Ao *Nascer do SOL*, Gonçalo Barreto, do grupo Jézebel, diz entender este encerramento, até porque tanto ele como os colegas do setor não querem ser responsáveis por uma fonte de contágio. No entanto, os apoios são poucos e não chegam a tempo de evitar

o descabro. «Os apoios estão atrasados. Há que ter consciência que há apoios que foram dados o ano passado que ainda não foram pagos», garante. No entanto, lembra, nem todos os casos são assim. «Sei que no último mês, um espaço de restauração conhecidíssimo pediu o apoio e no mês seguinte já tinham 50% do valor na sua conta». Neste caso, funcionou. «Só que uns funcionam bem e outros não funcionam assim tão bem».

As dificuldades são uma realidade: «Uma pessoa que tem um bar ou uma discoteca não sei onde, que tenha menos custos financeiros e técnicos, recebe mais tarde ou nem sequer sabe como preencher aqueles papéis e boletins todos. Tem de ser o contabilista a preencher e, depois, aquilo são uma série de burocracias...»

Para Gonçalo Barreto, há problemas que deviam ser resolvidos, diz, dando destaque a quem não pode receber do Estado porque deve ao Estado. «As pessoas que não têm as contas pagas em agosto do ano passado ou em setembro do ano passado, é porque já foi tudo embora. Estiveram desde março fechados.»

P&R

PAULA FRANCO
BASTONÁRIA DA ORDEM DOS CONTABILISTAS CERTIFICADOS

‘Espero que os empresários tenham força para manter os negócios’

Vários empresários queixaram-se de atrasos e de obstáculos em relação a pedidos anteriores. Como está agora esta situação?

Temos estado a acompanhar estas situações mas, neste momento, todas aquelas que possam não estar regularizadas são questões muito pontuais. Muitas delas prendem-se com questões de dívidas que entretanto surgiram e que poderão estar a bloquear o sistema. Já não temos as situações como tínhamos durante o processo inicial. Já está praticamente tudo regularizado e as que não estão são situações em que os trabalhadores estiveram, por exemplo, de baixa e estão a acumular com o pedido dos apoios, o que criou um entrave no sistema. São sempre questões muito particulares. Não temos hoje situações significativas de casos que não tenham sido pagos sem nenhuma justificação.

E quanto aos pedidos das autarquias que disponibilizaram verbas para compensar perdas ao fim de semana?

Há muitos empresários das áreas do comércio e da restauração que não têm contabilidade organizada, estão no regime simplificado, e o que acontece é que, depois, ficam excluídos dos apoios. Isso é uma situação que no Apoiar vai ser ultrapassada e, além disso, vão também ser criados apoios para essas entidades. Mas, normalmente, é uma questão mais difícil porque, não tendo dados históricos e contabilísticos que permitam avaliar a situação da empresa, é mais difícil conseguir-se atribuir apoios.

Há muitos empresários nesta situação?

Diria que é uma percentagem significativa, não diga que seja metade, talvez ande à volta dos 33%. Mas ainda é significativo.

O que acha dos novos apoios?

Acho que todos os apoios juntos são bastante significativos para as



empresas, desde que estas possam beneficiar deles. E mesmo para quem tenha as tais dívidas, agora também está previsto que possam fazer acordos prestacionais para poderem recorrer aos apoios. Os apoios que existem vão de alguma forma conseguir reforçar a tesouraria das empresas no seu conjunto. É o caso das rendas, do apoio à manutenção dos postos de trabalho, seja qual for aquele por que se opte. Tudo em conjunto, reforça bastante a tesouraria das empresas. Mas há aqui uma questão muito importante: primeiro, a gestão de expectativas dos recebimentos – o pedido é feito numa altura e os recebimentos não são imediatos. E, para os empresários, isto cria muitas vezes um problema de tesouraria maior e inclusivamente de não estarem à espera que demore tanto tempo. Acho que este tem sido um dos principais problemas com que os empresários se têm deparado. Aos contabilistas, há duas perguntas que os empresários fazem: de quanto é o apoio e quando o vão receber. Estas são as perguntas que os empresários querem ver respondidas e é a questão que tem sido a mais difícil de gerir, quer o estado de pagamento, quer de termos uma percação exata de quando são os pagamentos. Esta quinta-feira,

quando o ministro da Economia apresentou as novas medidas, nomeadamente a extensão e o reforço do Apoiar, já teve essa preocupação e anunciou datas específicas. Acho que é uma das questões mais importantes que temos de gerir, mas agora há um esforço para pagar o quanto antes, o que é extremamente importante. Mas também é importante que se diga aos empresários que nada disto é imediato, têm de existir pedidos, têm de ser avaliadas as situações das empresas, e por muito rápido que seja, para os empresários é sempre tempo demais.

Com este novo confinamento, atividades que são obrigadas a fechar são aquelas que foram mais penalizadas desde que surgiu a pandemia...

São sempre os mesmos. Feliz ou infelizmente, estamos em todas as empresas e os contabilistas certificados são os que melhor conhecem tudo o que se está a passar. Os setores mais afetados são aqueles que têm mais contacto com as pessoas: cultura, restauração, comércio, tudo. Foram os mais afetados no primeiro confinamento, continuaram a ser neste semiconfinamento que existiu e, agora, neste novo confinamento. Precisam de ter imensa coragem para enfrentar estes novos desafios, mas espero que consigam ter porque encerrar uma atividade e voltar a abrir e voltar a reerguer-se é muito mais difícil. Espero que os empresários consigam ter a força para manter os seus negócios.

E também são as atividades sem contabilidade organizada. Poderemos assistir a uma mudança?

Nestas áreas, sim. As pequenas empresas e as pequenas atividades não deviam precisar de um sistema organizado. Só que depois, com os apoios, com os incentivos, esta pandemia veio mostrar-nos que, muitas vezes, dependemos também de um Estado social e dos incentivos e, aí, essa situação torna-se relevante.